



Uma casa típica do período colonial, ainda existente em Santana de Parnaíba.

Índios, vinhas e ouro na história paulista

ERNANI SILVA BRUNO

Não vejo citado, na excelente "História da Inteligência Brasileira", de Wilson Martins — que acaba de ser editada em vários tomos — o nome de Pedro Taques de Almeida Pais Leme, o paulista do século 18 que, entre outras obras, escreveu a "Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica". Sendo um clássico da bibliografia histórica paulista e brasileira, esse livro costuma, no entanto, ser lido e citado quase que só pelos estudiosos de problemas genealógicos ou então por aquelas pessoas preocupadas principalmente em saber se entre seus remotos antepassados figura algum capitão-mor ou pelo menos algum sargento-mor que lhes valorize a memória familiar.

Entretanto, ao longo dos capítulos da "Nobiliarquia", em que Taques focaliza os "paulistas velhos" e seus desdobramentos familiares — fruto de pachorrença e exaustiva pesquisa em um tempo em que os arquivos estavam em pior situação que hoje — encontram-se com frequência dados e informações que, não servindo para afagar a vaidade ancestral dos atuais quatrocentões, contribuem para que se conheçam a realidade econômica e social e as coisas de que se tecia o cotidiano da vida colonial paulista.

Assim é quando ele fala daqueles antigos moradores de São Paulo que dispunham de dilatadas lavouras de trigo, de milho, de feijão, de algodão. Dos que cuidavam de vinhas, de que recolhiam "excelente vinho malvazia". Dos que até podiam ter pomares de frutas da Europa, que o clima temperado do planalto propiciava. Dos que criavam porcos e bois e às vezes ovelhas, criação esta última que alimentava a fabricação de chapéus grossos de lã, indústria ainda florescente no fim do século 17 e já inexistente no tempo de Taques. Atividades, essas todas, de lavoura e pastoreio, que permitiam até alguma exportação, com a remessa de cargas de feijão, de farinha de trigo e de carne de porco de São Paulo para a Bahia, quando havia "apertos de guerra".

Refere-se também o autor da "Nobiliarquia" às atividades mineradoras de paulistas em Minas, Goiás e Mato Grosso, desta última região vindo embarcado em batelões, até Porto Feliz, o ouro dos quintos, introduzido em cunhetes de madeira chapeados de ferro.

Fala também da atividade dos mestres e trabalhadores de ofícios mecânicos e da existência de olarias "para cozer telha e tijolo". Dos que teciam, com perfeição, redes de fio de algodão e lã de várias cores, como aquela que Manuel João Branco levou para Lisboa porque, sendo muito velho, temia "os balanços de uma carruagem" quando estivesse em Portugal.

Interessantes são também as informações de Taques sobre a inexistência de cavalos, até certa época, no litoral de São Paulo e sobre a importância desses animais no planalto onde, alimentados com erva e milho, tornavam-se alentados e briosos, "capazes de aturarem jornadas de duzentas léguas sem haver um só



Taques e seus primos freis Gaspar e Miguel Arcanjo.

dia de descanso", contribuindo ao mesmo tempo para que houvesse, entre os paulistas, "airosos cavaleiros", que podiam realizar proezas extraordinárias, "mesmo sem as lições das picarias da Europa".

E sobre o bandeirismo? Costumavam os antigos paulistas — diz Taques — penetrar os sertões incultos "com interesse de reduzir ou conquistar os índios de diversas nações para que, aproveitando-se estes do sagrado batismo, ficassem depois servindo, com o caráter de administrados, os seus conquistadores". Ou "... de cujos índios se serviam, como administradores seus, pelo benefício de os terem desentranhados do paganismo para o grêmio da igreja".

Assim, com o trabalho de centenas e centenas de bugres, desentranhados do paganismo e premiados com o sagrado batismo, os donos dos sobrenomes estudados por Pedro Taques viam crescer suas searas de trigo, suas roças de milho e feijão, suas porcas, seus rebanhos de bois e até suas falsqueiras de ouro. E podiam dispor de fazendas como a referida pelo próprio Taques, que era "como um arraial pelas casas que tinha com numerosa escravatura, pretos e mulatos e estes oficiais de artes fabris e mecânicas, os quais trajavam calçados". E com bons cavalos de estrebria, "ricos jaezes, excelentes móveis de prata e ouro, sendo bastante avultadas as baixelas de prata".

Conforto e luxo, esses, que tiveram seu apogeu na casa de Guilherme Pompeu de Almeida, em cuja fazenda de Araçariguama era recebida a gente importante de São Paulo de Piratininga. "Para grandeza do tratamento da casa deste herói paulista — escreve Taques — basta saber-se que fazia paramentar cem camas, cada uma com cortinado próprio, lençóis finos de brenta guarnecidos de rendas, e com uma bacia de prata debaixo de cada uma das ditas cem camas, sem pedir nada emprestado". Referência essa que faz vibrar, ainda hoje, as pessoas que se empolgam pela riqueza e pela ostentação e que pensam que o objetivo da pesquisa histórica é identificar e bajular os antigos ricos e se embasbacar pelo luxo de que eles podiam se beneficiar.

Restaria saber se Pedro Taques não exagerou, para melhor, nas cores com que pintou a sociedade colonial

paulista. Ele costuma ser acusado de "mania de grandeza", o que, de certa forma, se justificaria, tratando-se de morador de uma terra que, vivendo em regime de dependência colonial, precisava exagerar os recursos e os dotes dessa terra, retocar sua imagem, enfeitar de lan-tejoulas suas toscasroupagens.

Silvio Romero, em sua "História da Literatura Brasileira", fez-lhe justiça, mostrando que antes dele a História era também gênero de importação, que vinha en-fardado da metrópole, como a pimenta, a cebola e o queijo do Reino. Consistia na enumeração dos reis de Portugal e dos governadores da Colônia, a biografia dos missionários, a crônica das ordens monásticas. "Taques tirou-a do palanque, arrancou-lhe as capas, jogou-a na rua com a introdução de um novo elemento — o povo. Não era ainda o povo brasileiro em sua totalidade, era ele escolhido, representado, nobiliarquizado em suas principais famílias; mas era ele". De resto, a proposta do autor não era outra. Seu trabalho, ao ser publicado na Revista do Instituto Histórico, trazia o título de "Nobiliarquia paulistana; genealogia das principais famílias de São Paulo".

De outra parte, não se pode estranhar esse enfoque restrito de Taques, se um século e meio depois da publicação de sua "Nobiliarquia", Alcântara Machado, ao falar da casa colonial paulista, em seu belo livro "Vida e Morte do Bandeirante", escrevesse: "Pouco nos interessam as pousadas onde pousa a gente somenos: não varia no tempo e no espaço o espetáculo da miséria humana. O que nos aguçava a curiosidade é o ambiente em que se move a aristocracia da colônia".

PREFEITURA
CIVIL
A Secretaria
nesta domingo
Pátio do Co
nos quais há ex